

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA

Direcção do Collegio Vimaranesse

DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Damaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario—Centenario Henriquino (poesia), *Mattos Ferreira*—Uma eleição do D. Abbade da Costa em 1754, *Oliveira Guimarães*—Luctas e premios, *P.º Henrique Gomes*—Educação moral e religiosa na instrucção publica, *A. C.*—Acta Mensis.

ACTA MENSIS

Publicações

«Boletim da Associação de Orações e boas obras pela conversão dos pretos.» Por este minucioso relatório se constata o grande incremento que esta Associação ha obtido e os beneficios sem conta que tem repartido pelos infelizes *selvagens* creando missões numerosas, florescentes, bem organisadas, que fomentam ao lado da religião e da moral a agricultura, as industrias, as artes. E' bello, bellissimo o serviço que a benemerita Congregação do E. Sancto está prestando. Se a nossa humilde voz podesse chegar ao fundo d'algum coração hem fornado, dir-lhe-íamos que esta Associação merece a valer uma protecção carinhosa.

Com alvoroço vimos que n'essa gloriosa campanha de civilisação christã os missionarios têm respeitado como lhes cumpre o sentimento nacional e sabem ser portuguezes em colonias portuguezas. Bem hajam: a religião é cosmopolita, mas os povos. pe-

quenos, ou potentes, têm sempre um jus sacratissimo ao respeito pleno de sua nacionalidade.

Em summa, o nosso voto é inteiro e cor-deal pela amplificação constante da obra da sabia Congregação e por que para territorios portuguezes se façam convergir de preferencia os missionarios portuguezes, a lingua portugueza, o commercio e a industria portugueza.

A séde d'esta benemerita Associação é no *Seminario Apostolico do Espirito Sancto*—*Braga*.

E' seu director o Rev.º P.º Victor Wendling, a quem enviamos as nossas felicitações e muito agradecimento.

«O Doutor Minerva» por Manuel Bento de Souza. E' um livro de critica do ensino em Portugal. O auctor revela-se escriptor de linha: a forma é elegante e alegre, picada de ironia e bom humor: o conceito, firme, sincero, profundo, sem as curvas dos preconceitos, sem as meticulosidades do respeito humano. Abre com uma introdução muito notavel, em que sarja sem dô

muita insanía do ensino em Portugal. O Dr. Minerva é o typo grotesco do professor pedante, serzidor de compendios ineptos com que atordoa a juventude. Essa ridenda encarnação do cathedraico paco-vio, tem perpetrado compendios de todos os feitios e para todas as disciplinas: o auctor principia a sua curiosa analyse pelos dislates contidos no compendio de historia.

«O **Famelicense**». Principiou-se a publicar em Famacião este novo semanario. E' seu redactor o nosso amigo e illustrado collaborador o Ex.^{mo} Sr. Antonio Dias da Costa, cuja competencia jornalística está bem provada em numerosos artigos publicados na *Palavra*, *Commercio do Minho*, *Estralla Povoense* e *Crença & Letras*. Os numerosos que recebemos apresentam-se muito bem redigidos. Desejamos-lhe um futuro de rosas.

«O **Thesoiro da Infancia**», por Oso-rio de Novaes, distincto professor em Vila Nova de Gaia. Este livrinho tem a recommenda-lo a illustração e experiencia educativa do auctor. Desejamos que os seus collegas no ensino lhe votem a attenção que merece.

A Reacção. Eis o summario do muito apreciavel n.º 5: Do «Livro de Nehi»—*Mario Alves*. Spero *Dracos*—*Alberto de Oliveira*. *Facetas*—*Plarido Junior*. *Bussaco*—*Luna Freire*. *Outr'ora*—*Gustavo Santiago*. *Triste*—*Candido Pena*.

Pequena Revista. Com distincção se apresenton o n.º 3, cujo summario é: Portugal e o Infante D. Henrique—*Nautilus*. A legenda dos povos—*José Julio Rodrigues*. Duvida—*Antonio Pinto de Albuquerque*. Devaneio—*Antonio Fontes*. Flór de Mancinilha—*A. P. d'Albuquerque*. Voaram...—*Artur de Mesquita*. Politica e litteratura—*Magale*.

«**Revista de Guimarães**». Esta magnifica revista insere no 1.º numero do volume XI os seguintes artigos:—*Tagilde—Oliveira Guimarães*. Alterações dos alimentos—*Mattos Chaves*. Industrias Vimaraneses—*Arelino Guimarães*. Moedas e medalhas portuguezas—*Freitas Costa*. Documentos dos seculos XII-XV—*Oliveira Guimarães*. *Boletim*—*G. Paúl*. *Balancetes*—*Neves*.

Indoctus.

Lugens

Falleceu em Santo Adrião de Vizella, com 80 annos de idade, o sr. Antonio Joaquim da Silva Bravo, pae do d. director d'este collegio P.º Firmino Bravo e do d. Abba de Codeços P.º Bento Bravo.

Foi um caracter de tempera antiga, integerrimo, honestissimo. A vida passou-a obscuramente mas nobilissimamente no acarinhamento da familia e no agaceio de suas avultadas propriedades.

Era um velhinho singularmente sympathico. A sua conversa atrahia por sentenciosa e cheia de bons ditos.

Sentimos muito de coração o golpe que alanceou aquella muito distincta e muito respeitavel familia.

Lacrima.

Boletim do collegio de S. Damaso

—E' excellente o estado sanitario.

—Frequencia: 134 alumnos, sendo 131 internos.

—No dia 28 foi offerecido aos alumnos um copo d'agua, porque fazia annos um dos directores.

—O collegio fez-se representar no funeral do chorado pae do Rev. Firmino Bravo, muito digno director d'este collegio.

—As ferias de Paschoa principiam na quarta-feira, 21 de março. Nenhum alumno poderá sair antes d'esse dia.

—A benemerita Sociedade Martins Sarmiento honrou o collegio com um convite para apresentar a premio um de seus alumnos de instrucção primaria.

Scholasticus.

Associação escolar de S. Luiz

No dia 25 do corrente realisou-se a sessão mensal d'esta utilissima Associação.

Presidiu o rev. Hermanno Amandio, muito digno presidente nato.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O rev. Henrique Gomes propóz que na acta se lançasse um voto de sentimento pela morte do bondoso pae do rev. Firmino Bravo e se encerrasse a sessão em signal de lucto.

—Um anonymo em cumprimento d'um voto, offereceu á Associação 85500 réis, ou seja, o necessario para extinguir o *deficit* da gerencia transacta.

Socius.

A leitura de romances

Eis um fraco dos rapazes! dão tudo por um romance que lhes commova e sacuda o coração, um romance de scenario maravilhoso em que um tumulto de peripecias faça dar voltas á imaginação estonteada principalmente um collegial, enfiado dos livros das aulas, todo se embebece percorrendo as paginas envenenadas de qualquer novella sorna.

Porém, meus caros, eu que sou velho, posso dizer-vos, arrimado ao bordão seguro da experiencia, que mal avisados ideis.

Tal leitura, por via de regra, faz-vos mal em todos os sentidos. Os romances deviam, parece-me, ser um traslado fiel da sociedade, copial-a no que tem de bom e no que tem de mau, desenhar a virtude sem as romanescas idealidades que a falsificam e o vicio sem a nudez ascosa que crucifica o pudor e sempre com as verberações que a infamia merece. O que porém eu vejo quasi sempre é a virtude tornada mytho a poder de sublinada n'uns, e n'outros o vicio, sobretudo o vicio sensual, a brilhar de lindo e posto estupidamente no altar que só para a virtude se sagrou. E, ahí principiaes vós a julgar que o diabo não é tão negro como o dizem, a dar-lhe entrada no coração facil de seduzir, a perder ao dever e á virtude o sancto affecto e respeito que elles merecem e... eis-vos no declive!

Portanto o romance, mórmente a novella sensualmente realista, perverte-vos o senso moral—a melhor joia de voss'alma—; faz-vos jovens dissolutos, perdidos para vós e para esta sociedade tão carecida de sangue novo e são.

Se moralmente considerado, o romance é um alimento fortemente saturado de veneno, não vale muito mais a sua feição intellectual e instructiva.

Excepção feita d'um pequeno numero, devido a literatos de bom cunho, respeitadores e conhecedores conscienciosos de sua lingua, a maioria dos romances que para ahí surdem são vasados em portuguez

barbaro, são traducções a tanto por linha, são abastardamentos prejudicialissimos do formoso idioma patrio. Quem os lê não adquire copia de vocabulos de lei, não fixa modos de dizer castiços, consegue apenas perverter a sua linguagem, nem em geral revê como em espelho os costumes d'uma epoca. Os proprios romances historicos a que eu daria a preferencia, custa-me a admittir-lhes grande utilidade: entendo que a historia nunca se deve estudar senão nos bons tratadistas.

Em summa: entendo que não deveis ler romances, principalmente n'essa idade em que a imaginação predomina em vosso espirito, e que, lendo-os, deveis escolher so aquelles que vos forem aconselhados por pessoas illustradas e sisudas. Novos, não tendes ainda o vosso criterio sufficientemente illustrado para só por elle dirigir a escolha dos livros que hajam de alimentar-vos o espirito.

Senecr.

Compendio de educação

PREFACIO

Afigurou-se-me que organisar um — *compendio d'educação*—que, contendo em summula as practicas mais uteis e geraes da vida, podesse servir de texto á aula de Educação que em todos os institutos secundarios d'ensino deve professar-se, seria um tentame de valia. Sem medir as insignificantes forças ao meu dispor e pondo em alvo sómente o aperfeiçoamento da educação em Portugal, colligi aqui e além o que melhor se me antolhou nos variados e complexos assumptos que toquei. Do meu trabalho resultou este pequenino compendio ou feixe de principios e regras. Conscio dos defeitos que encerra, não lhe agouro o favor dos mestres da juventude, antes lhe vaticino as agruras da má sorte.

Como quer que seja eu vol-o offereço, jovens portuguezes: é o obulo despretençioso e singelo do mais humilde peoneiro da educação.

Vosso

Bruno d'Almeida.

Preliminares

A pessoa que sabe avir-se com distincção no viver individual e no trato social,

que concede ao corpo os cuidados que a manutenção da saúde exige e o robustecimento requer e ao espirito a razoada cultura da sensibilidade, da intelligencia e do senso moral—a pessoa que nos actos de culto observa os preceitos de sua crença e respeita a de seus semelhantes guardando em tudo o decoro religioso e nas relações sociaes sacrifica punctualmente ás boas normas da polidez, de modo a despertar sempre a sympathia e a consideração, o respeito e a amizade—á pessoa que assim se conduz dá a voz publica a justa e bella qualificação de—*pessoa bem educada*—.

Portanto,

Educação é: *o conhecimento das regras geraes que nos dirigem na conservação e desenvolvimento do corpo e do espirito e nas relações sociaes e religiosas.*

D'esta definição se infere a **divisão da educação em**

Educação física.

Educação animica.

Educação social.

Educação religiosa.

Obs.—Na exposição didactica do tractado da educação seguiremos em harmonia com a divisão feita, distribuindo as materias em quatro partes. Pareceu-nos que assim fazíamos uma systematisação bem fundamentada no objecto e a par d'isso, uti sub o ponto de vista mnemotico. Distribuiremos ainda cada parte em capitulos e paragraphos e exporemos sempre com simplicidade e concisão, deixando ao professor erudito margem larga para espraia-mentos adequados.

A importancia da educação

E' intuitiva. Encarece-la é apoucar lhe o altissimo merecimento. Ninguem se denhora a encarecer a importancia da luz, ou a demonstrar que dois mais dois são quatro.

Na verdade a educação pôde dar a saúde e o avigoramento organico.

Desdobra e multiplica as forças da intelligencia.

Dá a delicadeza ao sentir.

Infunde energia á vontade.

Imprime o cunho da seriedade em nossas acções.

Franqueia-nos todas as portas.

Tece á volta de nosso nome uma aura de estima feita de respeito e amizade.

A alma, ampara-a ao scio meigo da crença.

Por isso, nunca se dirá de mais, que o menino que se aprimora na educação, adquire a melhor das prendas.

Meditae:

O que descara a saúde, breve se abeira do tumulo.

O que escancara as portas do espirito ao vicio, enthesoira desgraças para os annos que hão de vir.

O grosseiro é severamente repellido.

O impio não tem cotação na sociedade honrada.

(Continia.)

A falsa instrucção

Como o pantano que não só envenena os miseros que perto vivem mas ainda nos seus effluvios atira para longe a pestilencia, assim o ensino corrupto não só inhabilita os infelizes que directamente o bebem mas vae a distancia inquinar com pessimos livros outros, que deviam sair incolumes por não terem ido parar ás mãos dos mestres' damninhos; e assim como o forasteiro atravessando á pressa um formoso campo, mal concebe o delinhamento dos camponeses por não avistar o brejo escuso, assim tambem para quem superficialmente vê ou sabe o muito que por ali se faz meche e gasta na tão florida instrucção, não chega a comprehender o pouco senso e muita ignorancia dos que vae tosando por se escaparem á sua observação os miasmas das sabedorias impressas, que de palludosas cabeças vão escorrendo para as escolas.

(Do livro «O Dr. Minerva»).

A Administração da CRENÇA & LETRAS suspenderá a remessa da revista a todos os srs. assignantes que até o fim de março não tiverem satisfeito a importancia da assignatura da série de 1893.

Centenario Henriquino

I

EM SAGRES

Na escuridão profunda, tormentorio
ruge e braveja o turbido oceano !
E, entre os arrancos do lidar insano,
açoita, ameaça e fére o promontorio!

Do aposento pisando o chão marmoreo,
destaca á luz do candelabro ufano,
de Henrique o esbelto vulto soberano,
solitario do estudo, em seu emporio.

E n'essa quadra que o conforto arreja,
e onde sabios só entram reverentes,
estranha intuspecção o absorve e alheia.

Braços em cruz, os olhos refulgentes,
vê ao clarão do genio que o incendea,
rasgar-se o mar, surgirem continentes!...

II

TORNADA

Os olhos com a mão da luz guardando,
da outra mão pendente um pergaminho,
do promontorio asperrimo, marinho,
andava Henrique os mares consultando.

E n'isto, de gaivotas como um bando,
velas surdem no liquido caminho!
—«Prostrei-te, emfim, audaz leão marinho!»
exclama o infante, pallido e exultando.

—«Eis-nos ás portas fulgidas da aurora !
Eis patente dos mares a oblação !...
Ao velho dê-se um novo mundo agora !...»

Oh patria, a gloria, o eterno galardão,
as azas distendendo edades fôra,
abrange-nos na mesma projecção !...»

Mattos Ferreira,
prior em Cintra.

UMA ELEIÇÃO DO D. ABBADE DA COSTA EM 1754

Possuo um curioso manuscripto devido á penna d'um religioso do mosteiro da Costa, que encerrá a noticia d'alguns factos dados n'esta communitade desde 1726 a 1761. Uma das noticias, que o ms. contém, diz respeito a um curioso episodio por occasião da eleição do prelado em 1754 e que textualmente vamos transcrever. Eil-o:

«Tragedia digna de memoria para a posteridade.

A 3 de novembro de 1754 chegou a este mosteiro Nosso Reverendissimo a presidir e confirmar a eleição do novo Prelado d'elle; a 10 em que acabava o Abbade o nomeou presidente e começaram a querer intimidar os vogaes, entrando a devassar dos procedimentos contra o que os sagrados Canones e nossas leys determinam em semelhantes occasiões. Intimou se-lhe huã Appellação *ante omnia* por parte da maior parte dos vogaes, com que cedendo dos taes intentos, a 17 entrou á eleição com animo de ir infirmando tudo, até que elegessem cousa de seu gosto; sahio eleito (constando o corpo do Capitulo de 24 votos) com 15 o P.^o Fr. Francisco Xavier monge professo do mesmo mosteiro, disse o Padre Geral que não tinham feito nada, e que no dia seguinte proce leriam a nova eleição. No seguinte dia tornou a sahir eleito o mesmo. Tornou a replicar o Padre Geral, que já tinha dito que votassem n'outro. Procedeo-se a nova eleição

em que sahio eleito o P.^e Mestre Dr. Fr. Nuno da Rocha, tambem monge professo do mesmo mosteiro. Escusou-o o Padre Geral dizendo que o tal lhe tinha advertido, que o não queria ser, e levantando banco defriu a eleição para de tarde, em que já mais bem considerado, e aconselhado, vinha em a tal eleição, porém requerendo a mayor parte, que visto a elle ter infirmado já não tinha vigor, e era necessario proceder-se a nova eleição, ficou para o dia seguinte em que, com todos los votos, tornou a sair eleito o dito Padre Mestre e isto foi no dia 19 do mesmo mez. Porém não acci-tan lo, tornou-se a proceder a eleição, em que tornou a sair o primeyro eleito, com que enfadando-se o Padre Geral o nomeou então (o que até então não tinha feito) e sem alegar causas, disse que o infirmava e que tolo o que tornasse a votar n'elle perdia o voto. Isto succedeu a 2 de dezembro, em que tambem sahio eleito outro monge professo do mesmo mosteiro que infirmou alegando ser filho espurio.

No mesmo dia de tarde se votou por quatro vezes em varios sujeitos, de preposito mesmo a não fazerem nada. A 3 do dito mez, sahio eleito o P.^e Fr. Ignacio Leite, monge professo do mesmo mosteiro e não o querendo tambem confirmar, alegando que o não podia ser por não estar appro-vado pelo Ordinario para confessar, conforme a ley do Capitulo geral proximo passado, a mayor parte do capitulo se pos de joelhos pedindo-lhe o quisesse confirmar, pois já tinham feito tantas eleições, e não se movendo elle a nada, appellaram e aggravarão delle.

A 5 do mesmo mez tirou de Vigario ao que o era (não o podendo fazer, nem o mesmo Vigario renunciar, conforme as nossas leys, e o mandou meter no carcere a nove do dito mez. A 10 se ausentou muito satisfeito de tantas e taes pessoas.

Foi hum monge a Lisboa procurador do negocio, e antes do o pôr na Legacia, por pedido de monges graves de Belem, conseguiu a que mandasse o Padre Geral proceder a nova eleição e lhe nomeasse para ella confirmadores, que apadrinassem a causa; a 20 d'abril de 1755 chegarão a este

mosteiro, a 28 sahiu eleito e foi confirmado o mesmo P.^e Fr. Ignacio Leite. E vendo os votos oppostos que não podião faser, se juntarão com alguns que já tinham mudado de parecer, intentarão que fosse o primeyro que em 'esta tragedia tinha sido eleito, já querendo que a tal eleição em que elles tinham sido contra prevalessesse por ter sido canonica, já por meyo de votos querendo-a empatar; para que depois de dar as voltas que se requerem, desempatar no tal o Padre Geral, que sendo eleito tres vezes nunca o quiz, e agora sim, só pelo tirar ao outro, porem se acharão enganados porque sahio eleito com 14 votos, e introduzindo lhe nos apayxonados por darem credito e confiar se em quem o não havião de faser que na tal eleição tinha havido dolo, fiserão suas appellações e aggravos, e não querendo assistir á confirmação, nem conhecer por Prelado o novo eleito, com cruz levantada se ausentarão para o convento dos Capuchos de Guimarães; constava esta procissão de nove monges presidindo hum d'elles o sub-Vigario, que nomiou o Padre Geral quando tirou o Vigario e n'este tempo estava governando na ausencia do Presidente. Foi hum delles com procuração dos mais para Lisboa a tratar do negocio, fiados em ter o Padre Geral por si, os mais por ordem do mesmo Geral se recolherão a 17 de Mayo, e estiverão sem reconhecer o Prelado, nem ir a actos de commuidade, por lhe terem aconselhado assim os letrados, por não cederem do seu direyto, até 4 de Junho, em que veijo ordem do mesmo Reverendissimo o fisessem, sem prejuizo do seu direyto. A 5 de setembro partio o D. Abbade para Lisboa a tratar do negocio, a 2 de dezembro se recolheo a governar a sua casa em paz e quietação».

E' esta a curiosa narração, que nos transmittiu o auctor anonymo do manuscripto, que possuo, não podendo porém averiguar o grau de autenticidade e veracidade que possa attribuir-se-lhe. A lettra é do seculo passado e escripto por uma só pessoa e o contexto indica a mão d'um religioso da Costa.

LUCTAS E PREMIOS (1)

Minhas senhoras:

Meus senhores:

Indeciso por bastante tempo entre o vir ou não fallar a esta academia perante um auditorio por todos os motivos respeitavel, decedi-me afinal pela vinda.

Foi incontestavelmente uma ousadia. Perdoae-m'a.

Sei quanto valho, que é pouco ou nada, vejo por ahi além, entre vos, muitas notabilidades que se salientam sobremaneira nos amplos e por vezes enlabyrinthados campos da sciencia, conheço que vou pôr uma nota discordante na orchestração harmoniosissima d'esta festa sobremodo pomposa, mas... quero muito a esta casa e não posso, sempre que se me fornece ensejo, deixar de revelar, bem ás claras, o amor que lhe voto, amor que não esfriará jámais, embora o meu coração, mais tarde, pulse bem longe d'ella, levado na corrente das exigencias sociaes.

E que admira tam profundo e entranhado affecto? Vi-a nascer, em dia de rosas, bafejada por uma aragem muito serena e muito tepida, assisti-lhe com cuidado ao enfaixamento, ouvi-lhe com ternura os primeiros vagidos e com alegria as primeiras balbuciações, tive a honra de acalentar-a em meus braços acariciadores, ainda que deveis, hoje vejo-a vigorizada e forte, robusta e animadissima, vejo-a pujante de vida, e quem sabe se nas veias tambem lhe gira alguma seiva da minha?

Devia acantoar-me na minha obscuridade e reduzir-me ao silencio, quando se vae ennastrar mais uma coroa de louros na frente dos meus alumnos, n'aquella frente que eu tantas vezes desenruguei fazendo luz n'aquelle cerebro que lhes latejava lá dentro?

(1) Discurso proferido na distribuição de premios aos alumnos do Collegio de S. Damaso, a 11 de dezembro de 1893.

O silencio, n'esta occasião, para mim, seria um crime de lesa-amor, até um crime de lesa-reconhecimento. Não quero tal mancha a ennodar-me a alma. Ouvi-me, por isso, alguns minutos. Não abusarei. Depois de tanto que se tem dito e tam bem e tam eloquentemente, eu preciso de ser breve para não ser enfadonho.

Senhores: Luctar é viver. Este pensamento altamente philosophico e profundamente substancioso, não perde por muito redito.

A lucta é vida: o oceano, esse gigante de forças titanicas, de bravura inexcedivel, mostra-se nos em toda a pujança do seu vigor, quando as vagas esbravejam e raivam, batendo rugidoras e espumejantes contra as penedias que se alcantilam a fazer-lhes barreira.

A lucta é vida: falla por mim a Historia, eloquentissima em suas licções.

A lucta é vida: fallam por mim os povos que se engrandeceram e notabilisaram e subiram ao apogeu da gloria, exalçaram-se ao fastigio do poder, porque luctaram e luctando venceram.

Luctar é viver e viver progredindo: fallam por mim todas as conquistas da intelligencia, todo esse irradiar luzes da civilisação sempre em avanços.

Luctar é viver e viver amando; amando todos os principios sublimes e nobres, todas as concepções grandiosas e alevantadas, todos os doutrinamentos alicerçados na Verdade, visando o Bem, procurando o Justo; amando a liberdade —sol que acalenta, o progresso - fôco intenso d'onde jorram scintillações vividissimas, afugentadoras de trevas que por ventura embrusquem intelligencias e ennoitem corações.

A vida assim, em lucta, é vida, verdadeira vida.

Em descanso, nos braços do ocio, deixando o bergantim vogar á mercê das brizas em lago de aguas estanques, isso será tudo, menos vida, verdadeira vida.

Então vegetalisa-se o homem, rasteja, anda muito cá por baixo.

Para subir até ás cimas da sciencia ou da arte, d'onde

se descortinam esplendorosos horisontes, opulentados de bellezas irrivalisaveis, é preciso lutar e muito.

As esporas de oiro conquista-as o cavalleiro, entrando no torneio, animadamente, destemidamente, pron.pto a vencer ou morrer.

E sempre digno de respeito e admiração o homem de lucta. Eu venero o. Admiro muito, respeito grandemente aquellas labutações continuas, aquelle vigiliar até o romper da manhã, aquelles anceios, aquelles duvidas, aquelles *eu-rekas*, aquelle cavar das rugas, aquelle pratear dos cabellos, aquelle abrir dos vincos—admiro, respeito tudo isso e venero o homem que taes e tamanhos labores supporta a favor dos outros, por amor dos outros.

E' enorme, extensissima e brilhantissima a galeria dos luctadores.

Destacam-se ahi vultos imponentes, magestosos, unicos.

Luctaram, mas a lucta deu-lhes a immortalidade.

Luctaram, mas ainda vivem amados pelas gerações futuras, redivivos no coração da posteridade, da posteridade que elles locupletaram com os seus tropheos ganhos no campo da lucta á custa de muito suor.

Luctaram, mas as suas queridas memorias são hoje abençoadas pela humanidade.

Luctaram, mas as suas loizas sepulchraes cobrem-nas hoje os goivos que a saudade ahi vae depor.

Luctaram e na propria lucta encontravam forças para novos combates.

Luctaram e na propria lucta retemperavam as armas que haviam de ceifar novos loiros.

A victoria encoraja, reanima, mas a victoria só vem após os esalfamentos da lucta.

Senhores: Relanceando a vista em olhar retrospectivo sobre as paginas da Historia, o meu espirito abysna-se em pasmo deante de tam porfiadas labutações, contemplando aquelle gastar toda uma vida a bem do progresso, aquelle consummir todas as forças em prol da humanidade.

Tem-se trabalhado muito em todos os campos, tem-se

combatido muito em todas as arenas, e d'esse trabalhar assiduo, e d'esse combater sem treguas tem chispado muita luz, a jorros, tem reverberado muita scintella de fogo, fogo que clarifica, vaporisando escorias, e purifica, desmiasmando.

A humanidade tem dado passos de gigante.

Na estrada indefnida do progresso tem andado milhas.

E tudo isso graças aos escolhidos da Providencia que, de quando em quando, apparecem como fachos esplendurosos a dirigir-lhe a rota, seguramente, por entre parceis e baixios.

E tudo isso graças ao luctar de todas essas gerações passadas que nos legaram uma herança ingente, enormissima, fructo de vidas muito laboriosas, de muitos suores, de muitas fadigas, de muitos acabrunhamentos, de muitas contrariedades, de muitos desgostos.

Cada uma das pedras que se têm collocado no edificio da civilisação vale uma vida, representa uma vida, senão mais.

Da noite da ignorancia e do erro o homem foi indo, indo pelo esforço da sua intelligencia, pelo trabalhar de suas potentissimas faculdades até se banhar com delicia no oceano da luz e ser acalentado pelo sol da verdade.

Quantos passos até ahí! Quantas tergiversações! Quantas duvidas! Quantas quedas! Quantos vãos d'um arrojo inaudito e quantos desalentos a afrouxarem-lhe o bater das azas! Sem conta. Mas, em marcha ascensional, tem ido galgando, galgando, quanto mais pode, pela encosta da montanha.

Os espinhos abrem-lhe feridas, os schistos rasgam-lhe as carnes, o calor suffoca-o por vezes, tem desanimos, mas não recua.

Para a frente—brada-lhe uma voz intima, e elle lá vae, sempre, sempre, vencendo obstaculos, desfazendo obices, escalando muralhas, d'onde lhe assestam as metralhadoras do erro, galgando precipicios em que refervem os torvelinhos da ignorancia, da ignorancia que se enraivece a cada passo dado na senda luminosa do progresso.

Bello, sublime o quadro, que a Historia nos apresenta,

de todas essas individualidades excepcionaes, de todos esses prodigios humanos.

E' o philosopho que desentenebrece intelligencias obscurecidas e obseccadas; o philosopho que descerra véos e dissipa nebrinas, pulverisa duvidas e camartella erros.

E' o orador que empolga as massas e lhes delira o coração; o orador que troveja e cicía, que cachoa como o mar em dia de tempestade e desliza como o regato em tarde de calmaria; o orador que, nos raptos da sua eloquencia, nos deliros do seu enthusiasmo se levanta da terra, transfigurado, e domina, como se fosse potestade divina, o auditorio que se deixa arrastar de esphera em esphera, para lá das nuvens, presa do magnetismo que lhe communicára a palavra inspirada e prodigiosa.

E' o artista que nos delicia a vista que se embevece na contemplação das suas obras maravilhosas, o artista que nos murmura ao ouvido umas notas muito accordes, muito doces, muito melodiosas, que vão até as fibras da alma e a esperitam com delicia; o artista que busca o alimento nos nectarios do Ideal e paira sustentado pelas azas da inspiração nas regiões do Bello.

E'... são todos esses portentos, todas essas maravilhas do Creador, todos esses genios que, não se poupando esforços, se alçaram ás culminancias da gloria.

Sim, não se poupando esforços, porque para vencer é preciso lutar e lutar persistindo.

Colombo arrancou das trevas do incognito as maravilhas d'um novo mundo porque perseverou no seu intento.

A marinhagem desesperava, e elle tinha esperança.

Quando a revolta ia fazer ouvir os seus estampidos que não deixam perceber a voz da razão, gritou o gageiro do cimo das vergas:—Terra, terra.

Gritos como este compensam bem todas as fadigas, valem bem alguns annos de vida, todos até, ainda os melhores.

Archimedes, bradando — *eureka* —, julgava-se o homem mais feliz. Os genios são assim: fitam a meta desejada e, alimentando-se de esperanças para não se deixarem vencer pe-

los baldões da fortuna, caminham para ella, firmes, com resolução inabalavel, embora saibam que hão de deixar pelo caminho o coração rasgado aos pedaços.

E quantos pedaços ali vão arrancar os proprios contemporaneos!

Quasi sempre, durante a vida, ao genio enrama-lhe a fronte uma coroa d'espinhos, em vez de lh'a cingir uma aureola de triumphos.

Mas vem depois, mais tarde, a posteridade que, inexoravel em seus juizos, dá a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

Bella, altamente sympathica esta missão das gerações futuras!

Senhores: Recompensar o trabalho, premiar o merito, dar uma retribuição condigna ás luctrações do espirito, é uma obrigação imperiosa que peza sobre a sociedade.

Beneficiada, acalentada, sustentada até pelos seus membros que no campo da lucta se mostram athletas, a sociedade contrahe para com elles uma divida e divida que não prescreve.

Declinal-a de si, impossivel.

Hoje ou amanhã, mais tarde ou mais cedo, ha que fazer justiça.

Olvidar o trabalhador que moireja em qualquer campo da actividade humana, não prestar a homenagem devida ao homem de incontestaveis meritos, ao homem com a fronte cingida pelo diadema em que se engastam as perolas do seu suor, é uma das ingratições que mais rebaixam e envilecem a sociedade.

E quantas manchas d'estas a polluem já!

E' preciso, muitas vezes, quasi sempre, que o homem desça ao tumulo e no tumulo o cadaver se re-luz a cinzas e sobre as cinzas rolem annos e annos, para que se faça d'elle a apreciação justa e devida.

Durante a vida, vae elle trilhando caminhos escabrosos, subindo a ladeira do Calvario, onde encontra uma cruz e na cruz a crucificação.

A geração presente deixa-o agonisar num tugurio, sem luz, e sem ar, á mingua de tudo, e elle vinga-se, murmurando, já no arranco extremo, os olhos turvos para o ceu levantando:—*Patria, ao menos morremos junctos!*

Mas vem a geração futura e, descondensando as trevas que envolviam o merito, descobre a cabeça, dobra os joelhos e sobre o tumulto caem a fio as lagrimas da saudade, lagrimas deliciosas e bem amaras, que a saudade é *delicioso pungir d'acerbo espinho*.

Bella, altamente sympathica esta missão das gerações futuras.

Examinam o passado sem véos a empanarem-lhes a limpidez do olhar e, vendo os homens e as cousas como ellas foram e não como as apreciaram os coevos, veneram o trabalhador e premiam o trabalho. Emendam o passado. Necessaria emenda. Emendar é progredir.

*

Senhores: O operario tem direito incontestavel a um salario remunerador do seu trabalho. Negar-lh'ó é calcar aos pés a justiça e até abrir os diques á onda tempestuosa da revolução. Estas creanças são operarios. Trabalharão e muito, tenazmente, persistentemente.

Merecem, por isso, um salario, uma recompensa. Vão tel-a. Justo e necessario é. Paga se-lhes uma divida e incutem-se-lhes no espirito alentos para novas luctas.

Recompensal-os é muito, alental-os é mais. Ambas as coisas são tudo.

Orna-se-lhes a fronte de loiros viridentes e armam-se de novo cavalleiros.

Disse.

F.º Henrique Gomes.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA NA INSTRUÇÃO PUBLICA (1)

A PROPOSITO DO CASO URBINO (2)

I

O retumbante julgamento que durante a ultima quinzena do mez passado se desenrolou nos tribunaes d'esta cidade é, sinistramente, palpitante para não se impor ás reflexões do psicologo e dos cultores da pedagogia.

Pois como é que um intelligente professor, que deve ser o prototypo do homem integro e justo, se precipita assim deliberadamente na voragem do crime, como o não faria o mais perfeito analphabeto, o camponez mais selvagem ?

Desgraçada sciencia esta que nos offerece taes espetaculos: Um sabio distincto, armado com os seus segredos, como meio de destruição; por outro lado parte d'uma eschola combatendo apaixonadamente outra eschola para... encobrir um crime (?) Pensava-se que todos os centros scientificos tinham por dever collaborar harmonicamente, em boa fé e consciencia, para o descobrimento da verdade; julgava-se que os raios que d'elles partissem deviam todos convergir para um fóco unico, donde irradiasse a luz.

Nada d'isso; viu-se com mágoa a que ponto chegou a desorientação dos espiritos e a falta de amor da verdade.

Que sabios desnorteados, sem bussola, que tempos de perturbação, de contradicções, em que os fructos da sciencia se tornam assim fataes e amargos, produzindo a morte, a dôr, a inquietação angustiosa!

Que conflicto de doutrinas, que imperfeições e erros em toda a ordem d'ideias!

E' que é fatal, amarga, demolidora toda a sciencia que não tem por base o sentimento religioso, a educação moral!

(1) da «Revista dos Lyceus».

(2) O caso Urbino ainda hoje é para nós um enigma. O julgamento que todos ali presenciámos não satisfiz a nossa consciencia e accentuou as nossas duvidas.

Então ella é Ravachol, é o anarchista anonymo do theatro-lyceu de Barcelona, é Orsini e todos esses inimigos scientificos da sociedade (specie nova, inquietante e terrivel) produzindo milhares de victimas innocentes.

Maldieta sciencia então a d'esses, que tomaram como lemma: *Ni Dieu, ni maitre. Nihil*, nada. E' o nihilista abjectamente destruidor; é a sciencia convertida em instrumento para combater o proximo, em arma de destruição social. «*On se dévore!*»

Mas ha mais; além das victimas, que faz e das perdas materiaes que produz, deshonra a instrucção e inspira ás massas o desejo de a desprezar, de destruir todos os depositos do saber humano.

Ainda não é tudo; este crime não só desacredita a sciencia, mas até o paiz, que produz, educa e instrue de tal forma. E' inquestionavel, que tantos escandalos e crimes, que todos os dias se denunciam, nas mais elevadas classes, são a consequencia da nossa má educação nacional, da má escolha dos funcionarios publicos, e da falta d'escrupulos nos ministros que os nomeiam.

Não se inquire primeiro do bom ou do máo caracter do candidato, dos seus costumes, dos seus precedentes, mas o da sua politica. Quantos ministros d'estado não deverão entoar o *poenitet me peccati* por terem tão mal servido o seu paiz?

O responsavel é ainda o Estado que mantem o materialismo na instrucção publica e tolera os estabelecimentos em que é dada, sem condições de moral, nem disciplina.

Porque é preciso que se não ignore esta tristissima verdade: O paiz da Europa menos religioso, menos educado, mais *mal* instruido é o nosso! E' a observação que faz o portuguez que viaja e observa.

Senão vejamos. (1)

(1) O que vae ler-se é apenas um brevissimo resumo do que por nós foi presenciado, consta dos livros e regulamentos escolares, que podemos citar, e pôde ser corroborado por qualquer patricio nosso que tenha visitado, com espirito observador, os paizes a que nos referimos.

O estudante inglez de qualquer grau d'instrucção, todos os alumnos dos vinte collegios que compõem a universidade de Oxford, levantam-se de manhã, fazem a sua *toilette* e dirigem-se logo á capella. (1)

As paredes dos collegios estão ornadas de quadros com versiculos da Biblia e maximas da mais alta piedade, uns bordados, outros em desenhos apparatusos e proprios a impressionar moralmente a imaginação do escholar.

Nos bancos, nas pilastras das capellas e egrejas ha caixilhos com orações impressas, alem dos livros piedosos e de officios, em estantes proprias.

O estudante francez recebe no internado dos lycuus e collegios lições semanacs de religião; os alumnos dos cursos superiores formam até uma grande associação catholica a que pertencem muitos dos seus professores. A abertura das altas escholas e cursos livres é celebrada com a *messe rouge* e grande solemnidade.

Este anno foi o proprio arcebispo de Paris, Mgr. Richard, que pregou, assistindo grande concurso de estudantes e lentes. (2)

Em muitas cidades d'Italia vimos aos domingos nas egrejas os alumnos das escholas, divididos em secções, tomando parte nos officios e canticos religiosos, fazendo os mais velhos a cathequeze e lendo humilias e a explicação dos evangelhos aos alumnos dos primeiros annos; edificante espectaculo este que nos commoveu e encantou.

O que ha ali entre nós de semelhante ?

Todos os deveres são difficeis de cumprir, principalmente os escholares; é pois de bom conselho não desprezar todos os meios, cuja pratica possa ajudar ao cumprimento d'esses deveres, ora a religião é o mais efficaz de todos elles.

Não fалlemos do estudante allemão e do russo, cuja piedade vae até ao misticismo.

(1) Vid. Richard H. David (*Harpers' Magazine*), citada pela *R. des R. d'outubro de 1893*.

(2) Vid. *Petit Journal* de 27 de novembro passado.

Agora vejamos como se trata em Portugal tão momentoso assumpto.

Os nossos estudantes fazem o seu primeiro exame, o de admissão, que não passa d'uma cerimonia banal, que nada significa, porque a estreiteza do tempo que a lei marca, não chega para percorrer o incommensuravel programma que trata de tudo, menos de religião.

O alumno portuguez passa depois a frequentar os preparatorios dos lyceus, onde tambem se apprende muito, não chegando o tempo para exames interminaveis, em que se trata de tudo, menos de religião e moral.

Os compendios, os livros d'aula, pela maior parte, tratam de theorias varias, menos de lições moraes e religião.

Conhecemos alguns de litteratura nacional e estrangeira, que nem uma só vez fallam de Deus, porque o «homem de sciencia prescinde da crença, que só é boa para ignorantes!» assim como ha professores que muito propositadamente não substituem essa falta.

Da indisciplina d'estas casas, da falta de condições materiaes e pedagogicas dos nossos lyceus, instalados no primeiro casarão velho e fóra d'uso que apparece, nem é bom fallar. . .

Depois o estudante passa para os estudos superiores, vae para a Universidade, confiado aos cuidados d'algun negociante, para as altas escholas, onde estuda muita theoria inutil, e pouquissimo do que é essencial. Sabe de cor paginas inteiras dos grandes authores, mas não sabe explical-os, julgar a fundo cousa nenhuma; não conhece o seu destino e ignora os seus deveres para com a sociedade e para com Deus, porque isso. . . não está nos programmas que não exigem lições de religião, cursos de moral, nem ao menos de educação civica.

Se algum mais bem dotado e feliz levou da familia ideias religiosas perde-as logo, n'esses centros scientificos, onde geralmente lhe falta a tutella de que precisa a sua perigosa idade. Vive ahi em «republicas» entregue só aos seus instinctos e a algum «veterano» que por via de regra não pode

dar-lhe lições de boa moral e exemplos salutarés, porque se resente do mesmo meio e systema de vida . . . airada, de rapaz. Longe do seio da familia, que o podia reprimir e aconselhar, á mercê dos maus exemplos e companhias, atravessa o nosso estudante essa crise moral dos que sentem desabar, á leitura de livros negadores, todas as crenças religiosas, que hebera com o leite, não tendo para se sustentar e para as substituir, uma larga e séria instrucção, «um grupo de verdades geraes, o que quer que seja, em que o seu espirito repose e se fortifique».

O estudante portuguez, a quem o estudo não dá a instrucção religiosa, nem pela maior parte a familia, fica, pois, sem freio algum moral e privado da educação mais elemental! . . . Esta falta acompanha-o, depois, em toda a sua vida publica, burocratica ou politica. Taes mancohos serão maus empregados, egoistas, corruptos e venaes; d'aqui os roubos e delapidações na publica administração, os alcances, os desvios, etc., etc.

Digam-nos qual é a religião d'esses falsificadores, d'esses politicos «habeis», d'esses banqueiros gananciosos, d'esses auctores de crimes e roubos, de que a imprensa todos os dias se occupa . . .

O nepotismo, a venalidade, a corrupção, o desvergonhamento de programmas desmentidos, o desprezo de promessas feitas solemnemente, o cynismo das apostasias, eis o espectáculo que ha muitos annos presenciamos. E sobre esta base tem-se edificado fortunas insolentemente colossaes. A immoralidade que as tem feito tem chegado á temeridade, mais insolente ainda, de fazer crer aos deshardados, aos pequenos, que o verdadeiro fim do homem é gosar . . .

(*Continua*).

A. C.
